

O FANTÁSTICO CÂNION DO MORRO FURADO

EZIO RUBBIOLI

GRUPO BAMBUÍ DE PESQUISAS ESPELEOLÓGICAS



Flávio Chaimowicz

“Pessoal,
Entramos topografando
na Gruna do Ventilador,
provavelmente a
ressurgência do sistema.
Deixamos para trás uma
entrada de 40 metros de
largura por 50 de altura sem
explorar, e um sumidouro de
10 metros de largura por 15
de altura que andamos
300 m e paramos por pena
de vocês. Há outras
entradas, outra gruna com
água correndo entre 2 sifões
(+/- 150 m) e um sítio
cheio de pinturas.
Venham correndo!!!
Tragam água, carbureto e
os sandubas. A água com gás
está atrás do banco. Marque
o caminho com o GPS.

Ass. A turma da
vantagem.”

OUTUBRO/2002

Mal tínhamos tirado o capacete da cabeça quando vimos o Dailson retornado. Ele havia levado a outra equipe para conhecer umas "grunas" e agora voltava sozinho.

-Bom sinal, pensei...

Chegou perto de nós e, sem dizer uma palavra, entregou um papel amassado com uma mensagem e um desenho meio confuso. Na verdade era o croquis de um cânion, cheio de indicações de cavernas. Nossos corpos, que começavam a se refazer do cansaço da primeira etapa de explorações e da caminhada sob um sol escaldante, recuperaram as energias imediatamente. Começamos a organizar as mochilas, sabendo que tínhamos uma corrida contra o tempo. O sol já começava sua descida para o oeste, não nos deixando com muitas horas de luz.

-Está bom de água. Eles também devem ter alguma coisa... Pega só mais um pouco de carbureto.

Mochilas carregadas, cantis abastecidos, era hora de retomar o caminho. Dailson, nosso guia, nos deu duas opções para chegar aos nossos amigos.

... um caminho maior e mais fácil e outro curto e difícil.

- Lógico, vamos pelo atalho. Não temos tempo a perder.

O calor ainda estava intenso quando deixamos o carro e tomamos uma trilha parcialmente tomada por uma vegetação rasteira. Mas a nossa história de explorações na região (setor norte da Serra do Ramalho) havia começado muitos anos antes...

A descoberta da Gruna do Anjo

Em 1992 Augusto e eu fazíamos prospecções na região. Era a segunda viagem à Serra do Ramalho e as promessas de descobertas já se traduziam em duas grutas com mais de 3 km – a

Boca da Lapa e a Gruna do Engrunado. Sem fotos aéreas ou mapas detalhados, seguíamos somente o rumo das indicações. Durante mais de 2 semanas tínhamos nos deparado com três cavernas por dia, em média. No final da viagem, as descobertas haviam se tornado uma rotina, sendo difícil encontrar alguma coisa que realmente elevasse o nosso entusiasmo. Mas, sem querer abusar do trocadilho, a grande descoberta seria Descoberto. O estranho nome do povoado, localizado no município de Coribe, era uma alusão ao local onde, no passado, foi encontrada água.

- Fica lá onde foi "descoberto" água.

- É lá no "descoberto"..., deveriam dizer os antigos habitantes.

E acabou ficando Descoberto. Diga-se de passagem, a tal água foi encontrada dentro de uma gruta, situada praticamente dentro da área urbana. O povoado não passava de duas praças cercada de casas, tendo uma escola e uma igreja como destaques. No horizonte podia-se distinguir vários afloramentos calcários a até mesmo algumas entradas de cavernas. Realmente um bom lugar para se fazer uma prospecção.

Mas naquela manhã, os nossos conceitos espeleológicos deveriam ser revistos... Seguíamos dois moradores que nos guiavam até uma gruta que, segundo eles, tinha uma entrada enorme. O relevo aplainado, com poucas elevações não nos dava motivos para acreditar na informação. Mas...

- Quem sabe, pelo menos não é uma gruta interessante.

Depois de 1 hora de caminhada no meio de uma trilha tortuosa e pouco marcada, deparávamo-nos com uma imensa dolina. Uma visão inesquecível. O buraco que se abria diante dos nossos pés tinha um formato alongado, com cerca de 50 metros de largura e mais de 200

de extensão. A parede oposta da que havíamos chegado alcançava quase 100 metros de altura e uma gigantesca entrada contrastava com o paredão avermelhado. Que o subsolo da Bahia estava recheado de cavernas era uma certeza. Que muitas delas poderiam ser grandes também não era dúvida para ninguém. Mas, uma entrada como aquela ter ficado anônima até o final do século XX era uma coisa surpreendente.

Igualmente surpresos ficamos ao ver como era o acesso ao fundo da dolina. A borda sul, onde acabávamos de chegar, era o ponto mais raso. Contudo as paredes eram completamente verticais e com mais de 20 metros de altura. Fazendo uso de pequenos patamares e das raízes de gameleiras, nossos guias desceram com tanta facilidade que deixaram nossas cordas e blocantes com complexo de inferioridade.

A vegetação do fundo camuflava a entrada, que deveria ter mais de 50 metros de altura. Aos poucos foi se descortinando uma galeria enorme, repleta de espeleotemas e pilhas de blocos abatidos. A grande abertura que deixávamos para trás permitia que a luz natural penetrasse centenas de metros, delineando os contornos grotescos de colossais formações rochosas. Um pouco mais adiante um grande desmoronamento se elevava quase até a altura do teto, criando uma área de penumbra. Subimos sem dificuldades e nos deparamos com a segunda grande surpresa do dia. Aliás, uma enorme surpresa... O piso da galeria despencava dezenas de metros enquanto o teto e as paredes se perdiam na escuridão. Nossas pupilas, ainda retraídas, não permitiam que nossos olhos enxergassem muito além. Alguns momentos de adaptação e ...

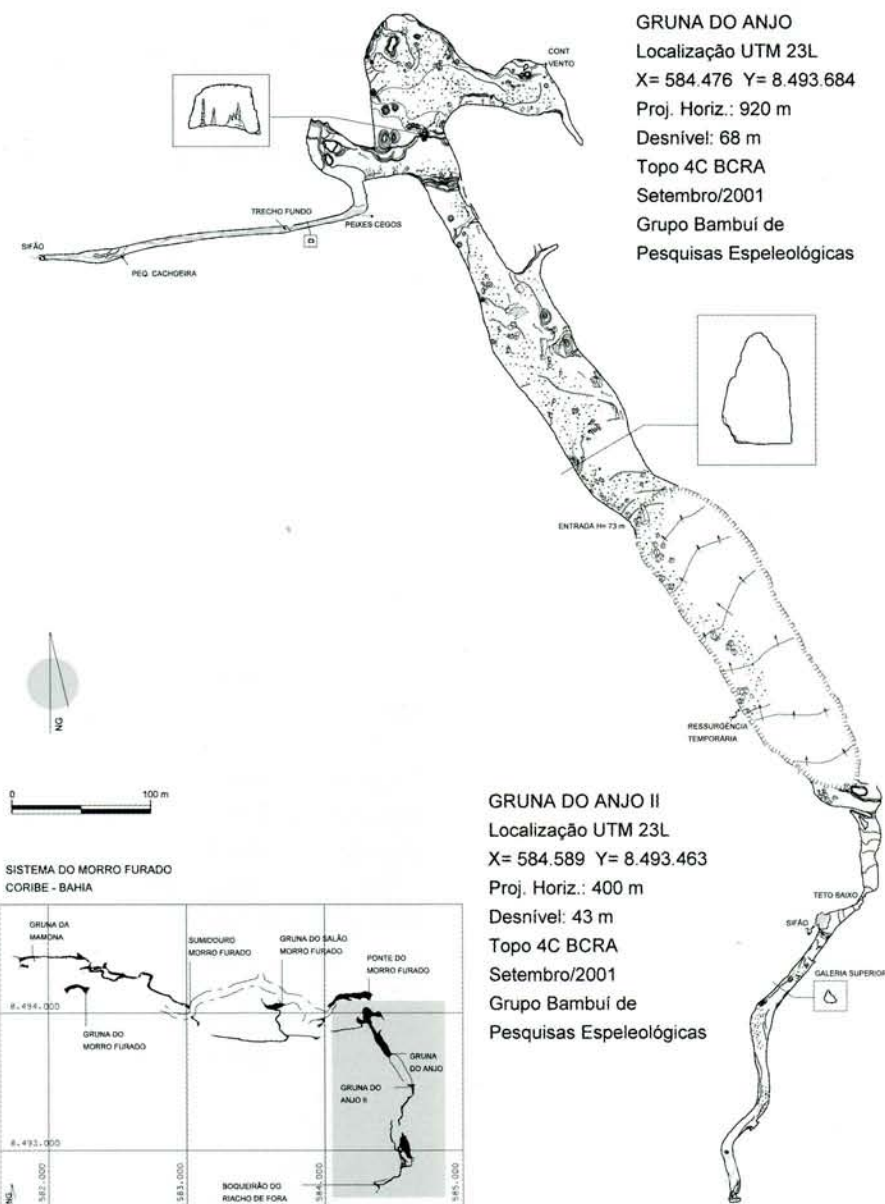
- Olha o tamanho daquela coluna!!!

- Não!!! Não é uma coluna. É uma estalagmite.

Um conjunto de espeleotemas tomava conta de uma grande área do salão, culminando com uma série de estalagmites que superavam facilmente os 20 metros de altura. Com menos de 2 metros de diâmetro na base, pareciam precariamente equilibradas. Vários destes “monstros” dominavam a paisagem, destacando-se pelo menos seis, que chegavam perto do nível do teto. Ao longo de toda sua altura alças de calcita (“pétalas”) cresciam radialmente, chegando a mais de 1,5 metros de comprimento.

Contornamos o salão em busca de possíveis continuções em meio a uma floresta de espeleotemas. Mas tudo parecia fechado. A gruta, conhecida pelos moradores pelo nome de Gruna do Anjo, deveria ter uma extensão de aproximadamente 800 metros. Contudo, sua entrada e ornamentação eram notáveis, até mesmo quando comparadas com as maiores e mais amplas cavidades baianas. Voltamos delirando com a descoberta. A Serra do Ramalho ainda tinha muitas surpresas para revelar...

A trilha, até então fácil e bem marcada, seguia na direção de um pequeno afloramento lapiezado. Finalmente o caminho começava a fazer jus à fama de “difícil”. Equilibrando precariamente sobre afiadas pontas de calcário, tentávamos nos desviar dos cactos e urtigas. O ritmo da caminhada ficou mais lento e começamos a perceber que seria impossível fazer o mesmo trajeto na volta, mesmo marcando vários pontos no GPS. Depois de 30 minutos driblando uma vegetação espinhosa e ressecada, finalmente descemos ao cânion. A visão era estupenda! As paredes verticais se elevavam a mais de 50 metros, sendo visíveis várias entradas debruçadas nas escarpas. Seguimos para montante, à procura “da equipe da vantagem”.



O Boqueirão do Riacho de Fora

Uma viagem começa geralmente quando estamos desarrumando a mochila da última jornada. Pelo menos no pensamento e organização. E não havia passado dois meses da expedição franco-brasileira (junho de 2001) à Serra do Ramalho e já sentíamos a falta do calor do sertão baiano e, principalmente, das cavernas. Alguns pontos tinham ficado “em aberto”, aguçando a nossa curiosidade em voltar à região. Um destes era um enorme sumidouro

que havíamos encontrado casualmente ao tentar voltar à Gruna do Anjo. E foi para lá que direcionamos nossa atenção logo no começo da expedição. A equipe era formada por Flávio Chaimowicz, Rafael Carreño (Venezuela), Roberto Brandi, Urandi Corrêa e eu (o Adrian Boller e a Paula chegariam alguns dias depois para completar o “time”).

Descemos por um vale pouco profundo e com paredes levemente inclinadas. No centro, um leito seco de cascalho atestava a presença de um rio temporário, mas com

uma vazão considerável. Depois de 40 minutos de caminhada encontramos um paredão com cerca de 30 metros de altura formando um semicírculo e impondo uma barreira natural à drenagem. O piso descia bruscamente de encontro ao afloramento, onde se acumulava uma grande quantidade de galhos e troncos de árvores. Num primeiro momento pensamos que poderia não haver uma entrada.

- Olha lá no fundo que eu vou ver deste lado.

- Pode vir! Achei um conduto.

Mesmo antes de remover alguns galhos para facilitar a passagem já era possível sentir o vento forte que vinha do interior da gruta. Entramos esticando a trena numa galeria baixa e cheia de areia. Mas poucos metros adiante a gruta começou a revelar a sua verdadeira cara. O teto, sustentado por paredes verticais entalhadas num calcário escuro, se elevou a mais de 10 metros acima das nossas cabeças. O caminho passou a seguir um traçado sinuoso e o piso ostentava uma série de travertinos parcialmente destruídos pela passagem da água. A topografia seguia a "passos largos" e eram freqüentes as visadas com mais de 30 metros.

- Estica a trena.

- Ôpa!!! O conduto fechou.

Pelo menos momentaneamente.

Uma parede de sedimento e espeleotemas impunha uma barreira ao nosso caminho. No alto, a mais de 20 metros, ainda era possível distinguir um patamar e, quem sabe, uma continuação num nível superior. Sem cordas ou equipamento de escalada, aquele obstáculo deveria ser deixado para depois. Seguimos numa galeria lateral onde, aparentemente, a drenagem sucumbia. Era uma região labiríntica, formada por condutos baixos e largos. Um local desprezível para terminar um dia que começou de forma tão espetacular. Parecia que a sorte

Detalhes do Boqueirão do Riacho de Fora. Ao lado o salão que foi exposto no abatimento ocorrido em dezembro de 1999. Abaixo a entrada principal: o sumidouro.

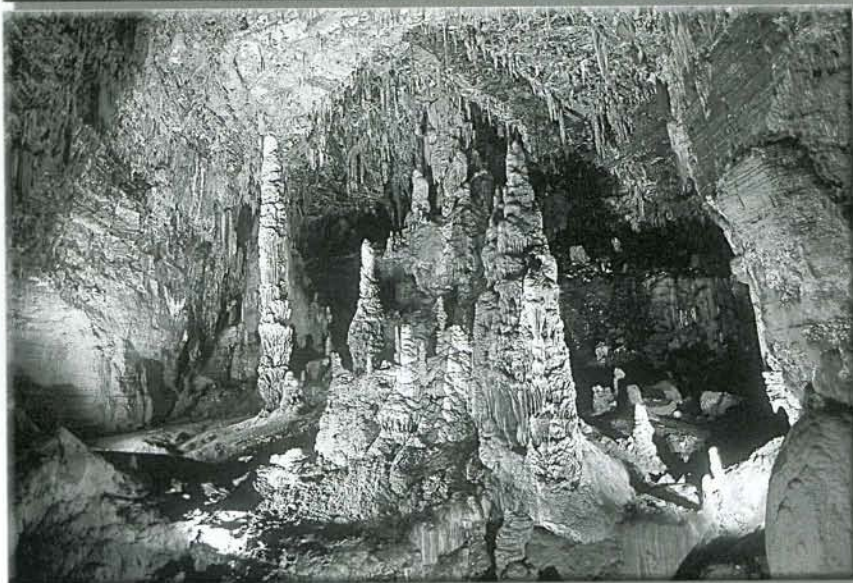
Fotos:

Ezio Rubbioli e Flávio Chaimowicz

No pé da página, o salão principal da Gruna do Anjo, com estalagmites que alcançam 20m de altura.

Foto:

Ezio Rubbioli, Jacques Sanna e Vitor Moura



3ª PARTE estava a nosso favor. Poucos metros adiante conseguimos subir por um desmoronamento e atingir um salãozinho superior muito ornamentado. Mas as possibilidades da caverna continuar não eram boas. Grandes blocos cobertos de barro tomavam toda a lateral da galeria, deixando poucas possibilidades de avançar. Seguimos em meio a um abatimento caótico, impulsionados por uma leve brisa. Com certeza, se não fosse este indicador, teríamos rapidamente desistido. Tira umas pedras daqui... mais um quebra-corpo ali e... empurra esse espeleotema para lá...

- Tem luz!!! Tem uma entrada!!!

E não era só uma entrada. Era um enorme salão com mais de 100 metros de diâmetro, literalmente forrado de espeleotemas. A luz vinha de uma abertura no centro do salão, sob a qual se formava uma clarabóia circular. Mas algo não estava normal. O grande abatimento do teto da caverna parecia assustadoramente recente. Blocos enormes estavam precariamente equilibrados. Pedras com mais de 100 kg haviam sido arremessadas a dezenas de metros, deixando um rastro de destruição. No centro do abatimento, a prova final: uma árvore dependurada no vazio (ainda ostentando folhas verdes) e uma cerca de arame farpado havia sido dragada para dentro da abertura. Algo realmente impressionante e que nunca havíamos presenciado tão de perto.

No mesmo dia conversamos com os moradores mais próximos, que confirmaram que o buraco havia surgido em dezembro de 1999.

- Tava numa época de muita chuva.

- É! Chuvia muito e escutamos um barulho como um trovão. Depois descobrimos que o chão tinha afundado levando a cerca e tudo.

Uma exploração e topografia mais detalhadas confirmaram que a gruta terminava no salão. Descobrimos algumas continuções pequenas e até uma nova conexão com o nível principal (lembra-se do conduto superior que continuava 20 metros acima...?). E não precisava de mais nada. O Boqueirão do Riacho de Fora estava à altura das mais fantásticas e interessantes cavernas da Serra do Ramalho.

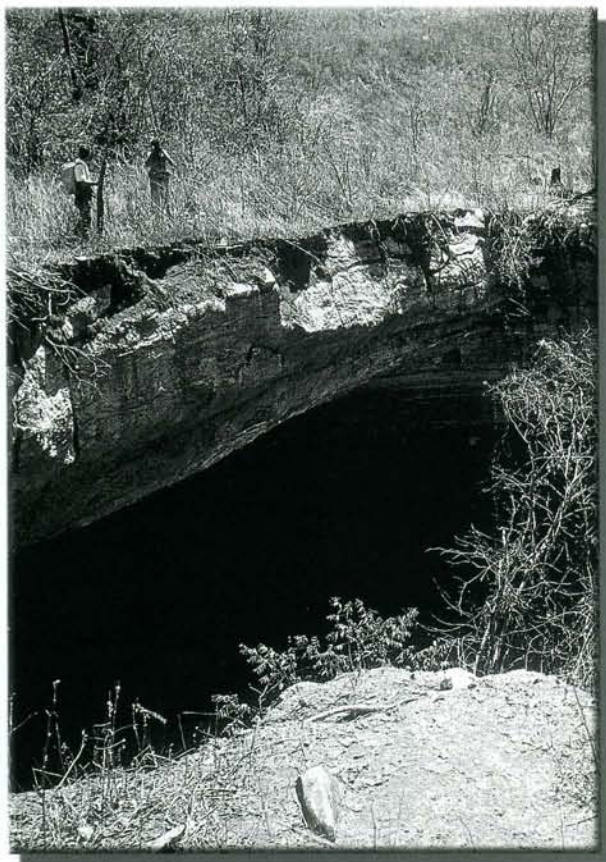
À procura "da equipe da vantagem"

Mesmo sabendo que a região era pouco visitada, comecei a desconfiar que aquele deveria ser o cânion do Morro Furado, alvo das pesquisas da Ana Luisa Bitencourt em 1996 e descrito com entusiasmo pelo colega e espeleólogo francês Joël Rodet. Também não havia dúvida de que o acesso utilizado pelos nossos precursores havia sido outro. Segundo Joël o sistema começava numa gruta ampla e curta,

conhecida como Lapa do Morro Furado. Depois eles haviam explorado um longo cânion com várias cavidades nas laterais. A descrição e proximidade geográfica não deixavam dúvidas. Restava agora saber quais grutas já eram conhecidas. E como não tínhamos o seu artigo (publicado na edição d'O Carste vol.9 nº 3) em mãos, a incerteza de estarmos pisando em solo virgem nos acompanharia durante vários dias.

Chegamos a um grande pórtico que marcava a possível origem da drenagem que penetrava no cânion. A "equipe da vantagem" podia ser vista ao longe esticando a trena em longas visadas no vazio. O som das leituras ecoava nas paredes, amplificando suas vozes. Imediatamente nos juntamos, formando uma só equipe numerosa.

A gruta possuía uma grande galeria (mais de 50 metros de largura) com o piso coberto por pilhas de blocos abatidos que se elevavam na direção da parede



BOQUEIRÃO DO RIACHO DE FORA
Localização UTM 23L
Sumidouro: X= 584.376 Y= 8.492.741
Buraco do Tonhum: X= 584.543 Y= 8.492.741
Proj. Horiz.: 1.460 m
Desnível: 68 m
Topo 4C BCRA - Setembro/2001
Grupo Bambuí de Pesquisas Espeleológicas

SIFÃO

OUTUBRO/2002

direita. Do lado esquerdo, marcas da passagem da água e galhos secos acumulados indicavam as enchentes temporárias que penetravam na caverna. Um pouco mais adiante uma nova entrada finalizava o trecho subterrâneo, que não chegava a 300 metros de extensão. Mas não estávamos sozinhos... Uma enorme colméia dominava o centro da galeria. A equipe se dividiu entre aqueles que achavam que as abelhas não iriam se incomodar com a nossa presença e aqueles que não queriam estar perto para descobrir se esta hipótese era verdadeira. Seguimos em silêncio, tentando não perturbar a tranquilidade dos insetos. De vez em quando uma abelha mais "curiosa" se aproximava, tocando delicadamente nossas roupas ou até mesmo a trena. Se elas resolvessem atacar, seria uma tragédia. As opções de fuga eram distantes e de difícil acesso. Felizmente nossa rápida presença passou despercebida e saímos da gruta ilesos e aliviados.

O sol acabava de se pôr, banhando de dourado a borda dos afloramentos. Os paredões, que chegavam a 100 metros de altura, debruçavam sobre o vazio como se procurassem sinais da nossa presença. O cenário era incrível e grandioso. Enquanto percorríamos o cânion a "equipe da vantagem" explicava quais grutas haviam encontrado.

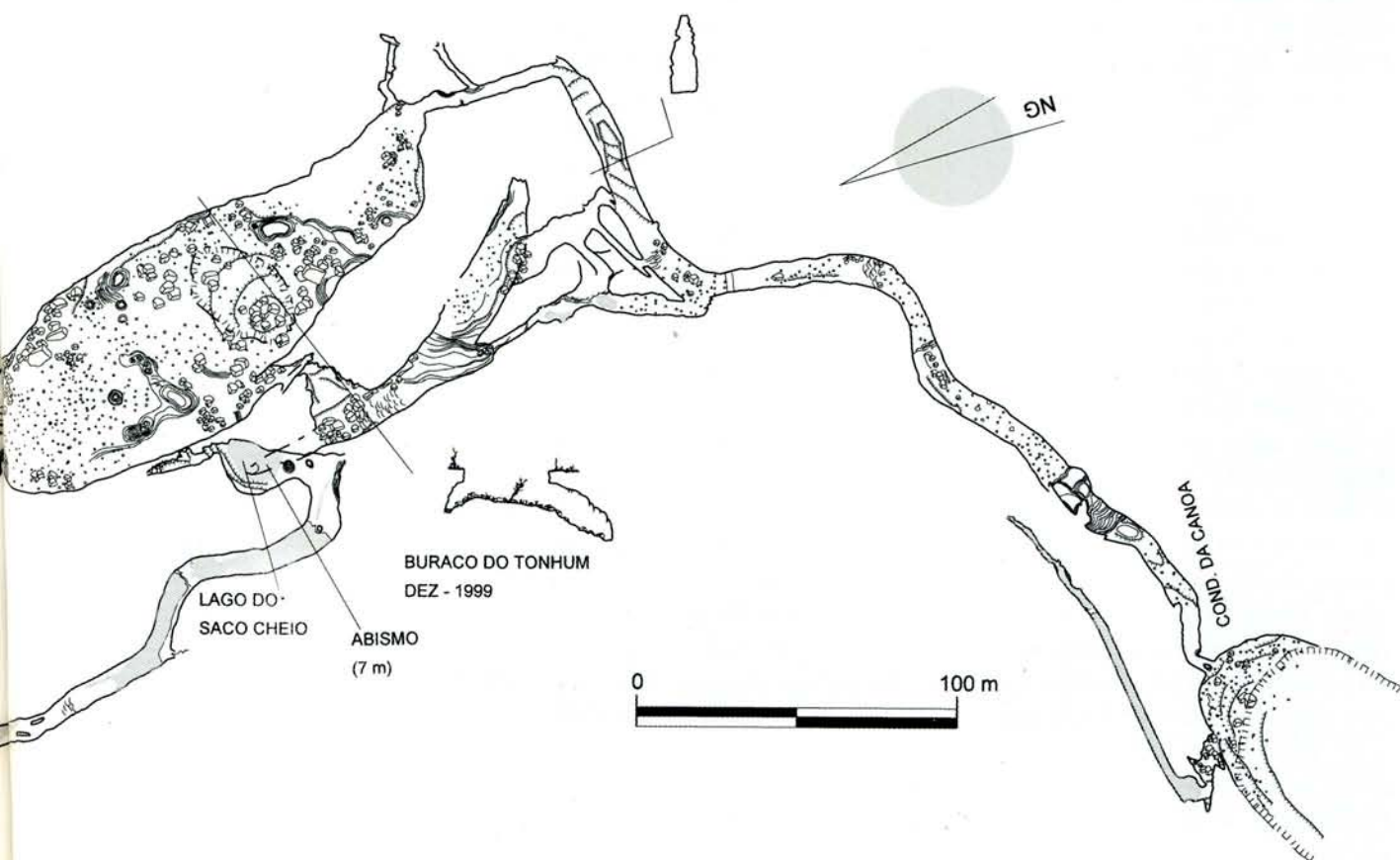
- Aqui fica o sumidouro onde andamos 300 metros. Do outro lado tem a Gruta da Água e as pinturas rupestres.

Mesmo tendo a certeza de que boa parte (ou todas) as grutas já eram conhecidas, o entusiasmo pela (re)descoberta envolvia a todos. Encontramos o Dailson (que havia feito o caminho da sua casa até o Morro Furado pela terceira vez naquela dia) no começo do cânion. A noite havia chegado e somente era possível distinguir as silhuetas das paredes que nos cercavam. Tentávamos entender a relação entre todas aquelas grutas. Um quebra-cabeças

com várias peças que começavam a se encaixar. Existiria uma relação entre o Morro Furado, a Gruta do Anjo e o Boqueirão do Riacho de Fora?



Ao lado, vista externa do Burraco do Tonhum: dolida de abatimento que entrou em colapso em dezembro de 1999.
Foto: Ezio Rubbioli



Le fantastique Canyon du Morro Furado

Ezio Rubbioli
Grupo Bambui de
Pesquisas Espeleológicas

“- Ecoutez un peu les gars!

On est entré dans la Gruna do Ventilador et on a probablement topographié la résurgence du système. On a laissé derrière nous une entrée de 40 mètres de large sur 50 de hauteur sans l'explorer, et une perte de 10 mètres de large sur 15 de hauteur qu'on a parcourue sur 300 mètres avant de rebrousser chemin. Et tout ça pour ne pas vous faire trop de peine! Il y a aussi d'autres entrées, une autre gruna recelant un cours d'eau qui s'écoule entre deux siphons (de +/- 150 m) et un espace rempli de peintures.

Allez-y en courant !!!

Emportez avec vous de l'eau, vos lanternes et des sandwichs! L'eau minérale gazeuse se trouve derrière le banc. N'oubliez pas de repérer votre position avec le GPS !

Signé: la bande des vieux renards.”

Nous venions tout juste de retirer nos casques quand nous avons aperçu Dainson qui revenait. Il avait accompagné une autre équipe pour lui montrer une “gruna” et maintenant il rentrait seul.

- C'est bon signe, ai-je pensé...

Il est passé près de nous sans dire un mot et il nous a remis un message et un dessin plutôt confus. En fait, il s'agissait du croquis d'un canyon truffé d'indications de grottes. Nos corps qui commençaient seulement à se remettre de la fatigue causée par la première phase d'explorations et la marche sous un soleil de plomb ne tardèrent pas à se revigorer. Nous avons tout de suite commencé à préparer les sacs à dos en sachant qu'une course contre la montre venait de s'engager. A l'ouest, le soleil commençait ostensiblement à décliner, ne nous laissant que quelques heures de clarté devant nous.

- On a assez d'eau. Eux aussi doivent en avoir une certaine quantité... Prenons juste un peu de carbure et ce sera bon.

Une fois les sacs chargés et les gourdes pleines, nous nous sommes remis en route. Pour rejoindre nos amis, Dainson, notre guide, nous laissa le choix entre deux options: un itinéraire plus long et plus facile ou un chemin court mais difficile.

- Il est inutile de tergiverser, nous n'avons pas une minute à perdre. Prenons le raccourci !

La chaleur était encore étouffante quand nous avons abandonné la voiture et nous nous sommes engagés sur un sentier en partie envahi par une espèce de maquis. Mais nos aventures dans cette région avaient débuté bien longtemps auparavant...

La découverte de la gruna do Anjo

En 1992, Augusto et moi effectuions alors des prospections dans la région. C'était le deuxième voyage dans la Serra do Ramalho et les promesses de découvertes se traduisaient déjà en termes concrets par deux cavités totalisant plus de 3 km, la Boca da Lapa et la Gruna do Engrunado. Ne possédant ni photos aériennes, ni cartes détaillées, nous en étions réduits à recueillir des tuyaux. Durant un peu plus de 2 semaines, nous en étions arrivés à une moyenne de trois cavernes découvertes par jour. A la fin de notre séjour, ces découvertes étaient devenues une routine et il était alors bien difficile de tomber sur quelque chose qui pouvait encore réellement nous enthousiasmer. Cependant, et sans vouloir faire de mauvais jeux de mots, la grande découverte de cette expédition allait être Descoberto. Cet étrange toponyme est tout d'abord celui d'un village situé dans le canton de Coribe qui doit son nom à un lieu où on a trouvé de l'eau.

- Et ça se trouve là où on a “découvert” de l'eau.

- Et c'est à cet endroit, dans le “descoberto”.... ont certainement dû dire les habitants de jadis.

Et le vocable a fini par être adopté pour désigner la bourgade. Il faut bien le dire au passage, cette eau dont il est question avait été repérée au sein d'une grotte localisée pratiquement dans le tissu urbain. L'agglomération ne consistait qu'en deux places entourées de maisons et ne possédant en tout et pour tout qu'une

école et une église. A l'horizon, il était possible d'y apercevoir plusieurs affleurements calcaires et même quelques entrées de cavernes. Le coin avait l'air d'être propice aux prospections.

Toutefois, ce matin-là, nos concepts spéléologiques auront dû être révisés... Deux autochtones nous servaient de cicérones jusqu'à une cavité qui, selon leurs dires, possédait une entrée énorme. Le relief aplani, ne recelant que peu de hauteurs nous faisait douter de leurs affirmations. Mais...

- Sait-on jamais ? Peut-être s'agit-il vraiment d'une grotte intéressante.

Après une heure de randonnée au milieu d'un chemin tortueux et difficile à identifier, nous avons enfin abouti à une immense doline. Une vue inoubliable ! La brèche qui s'ouvrait devant nous avait une forme allongée, sa largeur était de 50 mètres alors qu'elle s'étendait sur 200. L'élévation de la paroi opposée qui nous faisait face avoisinait les 100 mètres et la tache sombre marquant l'emplacement d'une entrée gigantesque contrastait avec l'immense roche rougeâtre. Nous savions déjà que le sous-sol de Babia était riche en cavités, nous savions aussi que certaines d'entre-elles pouvaient atteindre des dimensions plus que respectables, mais qu'une entrée pareille, d'une taille hors normes avait pu continuer à végéter dans l'anonymat le plus complet jusqu'à l'aube du troisième millénaire apparaissait comme une chose des plus troublantes.

Notre surprise ne s'arrêtait d'ailleurs pas là. Alors que nous nous trouvions sur la bordure sud, au point le plus plat du massif, à notre grand étonnement nous avons observé nos guides descendre avec une facilité déconcertante le long des parois rocheuses de 20 mètres de haut qui tombaient à pic au fond de la doline, en ne s'aidant que de petits paliers et des racines des “gameleiras”, ce qui ne manqua pas de nous donner des complexes d'infériorité avec nos cordes et tout notre attirail.

La végétation du fond camouflait le porche qui devait bien mesurer 50 mètres de haut. Peu à peu, l'arrière plan se dévoilait à nos yeux nous révélant une immense galerie toute recouverte de

concrétions et d'amas de blocs effondrés. L'énorme trou béant que nous laissons maintenant derrière nous invitait la lumière du jour à y percer l'obscurité sur une centaine de mètres, en faisant ressortir les contours grotesques de formations rocheuses colossales. Un peu plus loin, un imposant éboulement se projetait presque jusqu'au plafond recouvrant de son ombre un vaste espace. Nous l'avons grimpé sans grandes difficultés et c'est alors que nous avons eu la deuxième grande surprise du jour. Et quelle surprise !... Le sol de la galerie était effondré sur une dizaine de mètres alors que les plafonds et les parois se perdaient dans la pénombre. Nos pupilles qui étaient encore dilatées ne permettaient pas à nos regards de percer plus loin dans le noir. Il nous fallut donc patienter quelques minutes avant que nos yeux ne s'adaptassent enfin à l'obscurité et ...

- Relique un peu la taille de cette colonne !!!

- Non, ce n'est pas une colonne ! C'est une stalagmite !

Tout un ensemble de concrétions occupait une vaste zone de la salle érigeant une série de stalagmites qui dépassaient aisément les 20 mètres. D'un diamètre de 2 mètres seulement à la base, leur équilibre paraissait des plus précaires. Parmi tous ces "monstres", plusieurs dominaient le paysage et six d'entre-eux flirtaient presque avec le plafond. Tout au long de leur élévation, des concrétions de calcite de près de 1,50 m de long, semblables à des "pétales" se développaient en les enlaçant.

Nous avons contourné la salle à la recherche de suites éventuelles, au milieu forêt minérale. Mais tout semblait obstrué. La grotte que les habitants des environs désignent sous le nom de Gruna do Anjo devait avoir une extension de 800 mètres. De plus, son entrée et ses ornements étaient en tous points remarquables et ne souffraient nullement la comparaison avec les plus grandes et les plus vastes cavités de Bahia.

Ce jour-là, nous retournerions au village dans l'enthousiasme le plus fou. La Serra do Ramalho avait encore beaucoup de surprises à révéler...

Le chemin jusqu'alors aisé et bien balisé se poursuivait en direction d'un petit affleurement de lapiez. La progression commençait enfin à faire honneur à sa réputation de "difficile". En équilibre précaire sur des saillies de calcaire coupant, nous cherchions à éviter les cactus et les orties. Le rythme de la marche se ralentit et nous commençâmes à nous rendre compte qu'il nous serait impossible d'emprunter le même chemin au retour, même avec l'aide du GPS. Après 30 minutes passées à slalomer au sein d'une végétation épineuse et desséchée, nous avons finalement entrepris la descente dans le canyon. La vue était magnifique. Les parois verticales se dressaient à plus de 50 mètres et il était possible de distinguer plusieurs entrées inclinées dans la roche. Nous avons poursuivi notre périple en prenant en amont à la recherche de "l'équipe des vieux renards".

Le Boqueirão do Riacho de Fora

Tout voyage débute en principe quand nous sommes encore en train de vider nos sacs du précédent voyage. Tout au moins en ce qui concerne sa planification et son organisation. C'est ainsi qu'à peine deux mois s'étaient écoulés depuis l'expédition franco-brésilienne de juin 2001 à la serra do Ramalho que déjà le manque de la chaleur du sertão de Bahia ne tarda pas à se faire sentir. Sans parler des cavernes... Quelques points restaient "en suspens" et n'en aiguisaient que plus notre curiosité, notre volonté d'y retourner. Un des points restant à éclaircir concernait une perte énorme que nous avions repérée par hasard lors de notre tentative à réinvestir la Gruna do Anjo. Et c'est donc vers celle-ci que se focaliserait initialement toute notre attention. Au cours de cette expédition, l'équipe était composée de Flávio Chaimowicz, Rafael Carreño (Venezuela), Roberto Brandi, Urandi Corrêa et de moi-même. Adrian Boller et Paula devaient nous rejoindre plus tard pour compléter le "team".

Nous sommes descendus par une vallée peu profonde aux parois légèrement inclinées. Au centre, un lit à sec tapissé de cailloux atteste la présence épisodique

d'un rio qui doit avoir un débit considérable. Après 40 minutes de marche, nous sommes tombés sur une immense paroi de près de 30 mètres de haut se déployant en cercle en formant un hémicycle constituant un barrage naturel au drainage. Le sol s'inclinait brusquement lorsqu'il rejoignait l'affleurement où s'accumulaient un grand nombre de branches et de troncs d'arbres. Notre première réaction a été de penser que peut-être il n'y avait pas d'entrée.

- Jetez un coup d'oeil au fond pendant que j'inspecte de ce côté.

- Vous pouvez rappliquer ! J'ai trouvé un conduit.

Avant même de dégager le passage de ses branches, il était déjà possible de sentir le fort courant d'air provenant des entrailles de la grotte. Nous avons pénétré dans l'ancre en déroulant le décimètre dans une galerie basse et pleine de sable. Après une progression de quelques mètres, la cavité commençait à nous révéler son vrai visage: le plafond qui reposait sur des parois verticales taillées dans un calcaire sombre s'élevait à plus de 10 mètres au-dessus de nos têtes. La galerie se mettait à serpenter et le terrain exhibait une série de gours en partie détruits par l'écoulement de l'eau. La topo se poursuivait "à grands pas" et les visées de 30 mètres n'étaient pas rares.

- Allonge le décimètre!

- Zut! Le passage est obstrué.

Ce n'était que partie remise. Un mur de sédiments et de concrétions nous barrait la route. En haut, à plus de 20 mètres, il était encore possible de distinguer un palier rendant peut-être possible l'existence d'une suite dans la partie supérieure. Etant alors démunis de cordes et d'équipements d'escalade, cet obstacle devait être laissé pour plus tard. Nous avons alors pris une galerie latérale dans laquelle apparemment le drainage ne pouvait aller très loin. C'était une zone labyrinthique formée de conduits bas et larges, un lieu décevant pour finir la journée après les découvertes du jour qui avaient débutées sous les meilleurs auspices. On aurait dit cependant que la chance était encore de notre côté: quelques mètres plus loin,

nous sommes parvenus à escalader un éboulement et à atteindre une petite salle riche en ornements. Mais les possibilités de la caverne continuaient toujours à ne pas être des meilleures: de gros blocs couverts de boue bouchaient la presque totalité de la galerie latérale, n'offrant que peu de possibilités à notre progression. Nous avons dû poursuivre au milieu d'un effondrement chaotique, revigorés par la perception d'une brise légère. Si ce souffle prometteur ne nous avait pas effleuré, nous aurions sans aucun doute très vite renoncé. Enlève cette pierre de là...Encore un resserrement de ce côté-là et...dégage cette concrétions de là...

- Il y a de la lumière par là !!!
Il y a une entrée !!!

En effet, mais ce n'était pas qu'une entrée, c'était une salle immense de plus de 100 mètres de diamètre, littéralement envahie de concrétions. La lumière provenait d'une ouverture au centre de la salle qui formait un aven circulaire. Toutefois, quelque chose ne clochait pas. Le grand éboulis du plafond de la caverne paraissait très très récent et s'en était alarmant. Des blocs énormes se maintenaient en équilibre précaire. Des rochers de plus de 100 kilos avaient été projetés et s'étaient écrasés dans un rayon de 10 mètres en laissant un chapelet de destructions. Pour preuve: au centre de l'effondrement, un arbre ayant gardé une partie de son feuillage pendait dans le vide, ainsi qu'une clôture de fil de fer barbelé qui avait été arrachée avant de finir sa course à l'intérieur de ce tron béant. Cette vision dantesque était des plus impressionnantes et nous n'avions pas encore eu l'opportunité d'approcher un tel phénomène de si près.

Le jour même, nous avons bavardé avec les habitants des alentours qui nous confirmèrent que cet abîme avait surgi en décembre 1999.

- Il a plu beaucoup cette année-là.

- Ce jour-là aussi il pleuvait et tout à coup on a entendu un fracas terrible qui ressemblait au bruit du tonnerre. On s'est aperçus ensuite que le sol s'était ouvert en emportant la clôture et tout le reste.

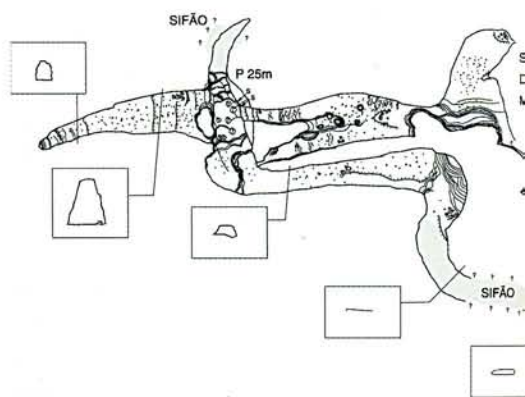
Une investigation et une topo plus détaillées confirmèrent plus tard que la grotte aboutissait dans la salle. Nous avons découvert quelques suites mineures et même une nouvelle jonction avec le niveau principal (vous vous souvenez du conduit supérieur qui se prolongeait 20 mètres plus haut...). Et tout ça suffisait amplement à notre bonheur. Le Boqueirão do Riacho de Fora aura été à la hauteur des cavités les plus intéressantes et les plus fantastiques de la Serra do Ramalho.

A la recherche de
"l'équipe des vieux renards"

Même en sachant que la région avait été peu visitée, j'ai commencé à me faire à l'idée que ce que j'avais sous les yeux devait être le canyon du Morro Furado qui avait été auparavant exploré par Ana Luisa Bitencourt en 1996, et décrit avec enthousiasme par son collègue et spéléologue Joël Rodet. Il ne faisait aucun doute non plus que le point de départ de leurs recherches avait été différent du nôtre. S'il faut en croire Joël, le système se déployait à partir d'une grotte courte et large connue sous le nom de Lapa do Morro Furado. Ensuite, ils avaient exploré un long canyon estampillé de plusieurs cavités sur ses parois latérales. La description et la proximité géographique coïncidaient. Le doute n'était plus permis. Il ne restait plus qu'à savoir quelles grottes avaient déjà été investies. Seulement comme nous n'avions pas son article en mains (celui-ci est paru dans le magazine O' Carste. Vol.9 n° 3), l'incertitude de fouler des terres vierges nous a accompagné encore pendant quelques jours.

Nous avons atteint un grand porche dans lequel pouvait avoir vu le jour le drainage qui s'enfonçait dans le canyon. Il nous était maintenant possible d'apercevoir "l'équipe des vieux renards" en train d'allonger leur décamètre en longues visées dans le vide. Le son de leurs cordes vocales devenait audible grâce aux parois qui amplifiaient leurs voix. Une fois sur place, nous avons uni nos forces pour constituer une équipe nombreuse.

La grotte recelait une grande galerie (de plus de 50 mètres de large) au sol jonché de piles de blocs d'effondrement qui s'élevaient pour rejoindre la paroi de droite. Sur le côté gauche, des traces laissées par le passage de l'eau et une accumulation de branches sèches indiquaient la mise en charge de la caverne lors de la saison des pluies. Un peu plus en avant, une nouvelle entrée terminait le tronçon souterrain qui n'atteignait pas les 300 mètres dans son extension. Mais nous n'étions pas seuls... Une ruche énorme trônait au centre de la galerie. L'équipe se scinda alors entre ceux qui pensaient que les abeilles ne seraient pas dérangées par



notre présence et ceux qui, au contraire, redoutaient que la première hypothèse ne fût point la bonne et qui se maintenaient à distance. Nous avons poursuivi notre chemin en silence en essayant de ne pas perturber la tranquillité des insectes. De temps en temps, une abeille plus curieuse que les autres s'approchait, frôlait nos vêtements où bien même le décimètre. Si elles avaient été disposées à passer à l'attaque, ça aurait été une tragédie. Les issues de sortie étaient distantes et d'un accès ardu. Heureusement, notre brève présence passa inaperçue et nous nous en sommes tirés indemnes en nous extirpant soulagés de la grotte.

Le soleil venait de se coucher en baignant d'or les bordures des affleurements. Les parois qui frisaient les 100 mètres de hauteur se penchaient dans le vide comme si elles voulaient être témoins de notre présence. Le décor était incroyable et grandiose. Alors que nous déambulions dans le canyon, "l'équipe des vieux renards" nous firent part de leurs découvertes.

- C'est à cet endroit que se trouve une perte que nous avons parcourue sur 300 mètres. Du côté opposé, il y a la Gruna da Água et ses peintures rupestres.

Bien que nous étions persuadés que la plus grande partie (ou toutes) des

cavités étaient désormais connues, l'enthousiasme provoqué par leur (re)découverte ne laissait pas de nous remuer. Nous avons rejoint Dainson (qui était venu à notre rencontre en ayant fait le trajet pour la troisième fois de la journée) à l'entrée du canyon. La nuit était tombée et il n'était plus possible de distinguer les hautes silhouettes des parois rocheuses qui nous entouraient. Nous essayions de comprendre le rapport entre toutes ses grottes. Un véritable casse-tête dont quelques pièces commençaient à trouver leur place. Existait-il une jonction entre le Morro Furado, la Gruna do Anjo et le Boqueirão do Riacho de Fora? 

